

CONJUNTO UNIVERSITÁRIO CANDIDO MENDES
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS - CEAA

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

Prof. João Carneiro

Textos de apoio III

UMA PERSPECTIVA SOBRE AS LITERATURAS DE ANGOLA E DE MOÇAMBIQUE

EDIÇÕES CEAA
1977

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

UMA PERSPECTIVA SOBRE AS LITERATURAS DE ANGOLA E DE MOÇAMBIQUE
por Mário António

Não é fácil reunir, numa panorâmica, as literaturas de Angola e de Moçambique, que têm muitos pontos comuns, o principal deles é o serem escritas em Português, mas que se diferenciam nas suas características fundamentais. Num artigo publicado sobre a Situação da Literatura no "Espaço Português", situamo-las em duas áreas diferentes, explicáveis por razões históricas e da conjuntura presente: a de Angola, integrada na área atlântica, historicamente devedora do circuito escravagista que ligou a Metrópole aos espaços tropicais da África e da América do Sul (Brasil); a de Moçambique, no passado sob a influência do Oriente e hoje sujeita à força atractiva de um núcleo cultural de raiz europeia que é, sem dúvida, o mais poderoso do continente africano.

Talvez essas circunstâncias expliquem as principais diferenças que nos apresentam as literaturas de Angola e de Moçambique. Em Angola, é mais detectável o fio de uma tradição, mais acentuada a tendência à regionalização por parte de escritores europeus, chegando a formas muito próximas, por vezes quase indistintas das que africanos (evidentemente, integrados na cultura portuguesa, e são todos os que utilizam a expressão literária) vêm tentando realizar numa afirmação da sua originalidade. A ambiguidade crioula é, muitas vezes, o ponto de chegada de uns e de outros. Em Moçambique, há um maior número de escritores europeus vinculados às estéticas dominantes na Metrópole, dos quais alguns, ao longo dos últimos dois decénios, foram capazes de ser quase figuras de proa, em sucessivas vanguardas literárias metropolitanas, marcando um desfazamento em relação à circunstância local de que resulta uma maior caracterização relativa dos escritores africanos.

Por volta de 1950 se começaram identificando as obras que, mais ou menos impregnadas de originalidade, passaram a constituir as hoje apresentadas como literaturas angolana e moçambicana. Em Angola, permanecia a lembrança de uma tentativa frustada de expressão africana, cujas origens datavam do último decénio do século 19, com os africanos Cordeiro da Matta, poeta, e Pedro Machado, romancista, prolongada nos anos trinta do presente século pelo romancista Assis Júnior. Um europeu, Tomaz Vieira da Cruz, nos anos 30 a 50, conseguira realizar uma obra poética integrando elementos locais na mundivência que exprimiu numa linguagem também matizada de localismos. São anteriores também a 1950 as primícias literárias de dois africanos, Óscar Ribas e Geraldo Bessa Victor, o primeiro orientado numa prospecção "folclórica" das culturas africanas, o segundo num caminho que se revelaria menos directo mas conducente à expressão de uma condição particular de homem de cor. Em Moçambique, o passado não se revelava tão rico ao iniciar-se o movimento literário dos anos 50. Quase só um autor, Rui de Noronha, afro-asiático pelo sangue, aparece apontado como precursor.

Em Angola era quase inexistente a imprensa literária por volta do ano de 1950. A geração que, nesse ano, acedia à expressão literária, teve de criar o seu próprio órgão, Mensagem - a voz dos naturais de Angola, que publicou dois números em 1951 e 1952. A revista foi editada pela Associação dos Naturais de Angola, em Luanda. Em Moçambique, Itinerário, revista cultural, era o principal veículo de expressão literária, mas dela se encontravam ausentes algumas das mais importantes personalidades que, mais adiante, definiriam a literatura moçambicana. Essa revista, à distância de alguns anos, parece-nos, contrariamente à angolana Mensagem, menos uma expressão local do que reflexo moçambicano do movimento cultural da Metrópole. No Brado Africano, de Lourenço Marques, órgão da Associação Africana de Moçambique, também se ensaiavam, ainda que tímidamente, vozes que teriam posição na Literatura Moçambicana.

No início do processo de africanização literária em Angola e Moçambique encontram-se dois poetas a mais de um título afins: Viriato da Cruz, em Angola, e Nômia de Sousa, em Moçambique. São várias as linhas da sua afinidade: foram presenças literárias importantes, ainda que sem livro publicado, fenómeno este que nos parece de assinalar por significar a utilização de veículos que não os clássicos, de influência intelectual; realizaram uma decidida prospecção da

circunstância local, elegendo-a para tema quase exclusivo das suas obras; tinha uma visão global dos problemas do mundo e um conhecimento para a época dificilmente encontrável nos outros escritores da África portuguesa, da experiência humana e particularmente da experiência literária do homem negro no Mundo. Quando os seus poemas começaram a ser conhecidos, nesse mesmo decénio de 50, foram aceites como modelos por todos os africanos que aspiravam à expressão literária. Tendo levado os poemas de Viriato da Cruz dez anos a ser publicados e não tendo os de Noémia de Sousa, até hoje, sido reunidos em volume, não erramos considerando que foram as suas, em Angola e em Moçambique, as obras mais decisivas para os movimentos literários que iriam transformar-se mas que hoje se chamam literatura angolana e literatura moçambicana.

Esses poetas, porém, não estavam desacompanhados. A mesma época é a que assinala uma frequência maior, por parte de africanos, das universidades da Metrópole. São simultâneas, portanto, as experiências literárias de angolanos e moçambicanos que não prosseguiram os seus estudos com as dos que faziam cursos universitários na Metrópole, uns e outros aparecendo depois nas publicações que definiram os movimentos literários de Angola e de Moçambique.

É um tanto difícil a caracterização das obras produzidas, a maioria das quais só foi publicada quando a Casa dos Estudantes do Império (CEI), de Lisboa, iniciou o seu movimento editorial, no fim do decénio de 1950, lançando uma série de Antologias e, na sua "Coleção de Autores Ultramarinos", algumas pequenas obras individuais. Na antologia dedicada a Angola, figuravam os seguintes poetas: Agostinho Neto, Aires de Almeida Santos, Alda Lara, Alexandre Dáskalos, António Cardoso, António Jacinto, Arnaldo Santos, Cochat Osório, Costa Andrade, Ernesto Lara Filho, Geraldo Bessa Victor, Henrique Lopes Guerra, João Abel, Luandino Vieira, Manuel Lima, Mário António, Maurício de Almeida Gomes, Tomaz Jorge e Tomaz Vieira da Cruz; na de Moçambique, Artur Costa, Carlos Maria, Diogo de Távora, Duarte Galvão, Fernando Couto, Fernando Ganhão, Fonseca Amaral, Glória de Sant'Ana, Gouvêa de Lemos, Gualter Soares, Guilherme de Melo, Ilídio Rocha, José Craveirinha, Jorge Villa, Kalungano, Manuel Filipe de Moura Coutinho, Noémia de Sousa, Nuno Bermudes, Orlando de Albuquerque, Orlando Mendes, Reinaldo Ferreira, Rui Knopfli, Rui Nogar, Rui de Noronha, Sérgio Vieira e Victor Matos e Sá.

Essas escolhas, suficientemente amplas, com a responsabilidade editorial do público mais exigente e possivelmente o maioritário das literaturas angolana e moçambicana (referimo-nos aos estudantes universitários na Metrópole provenientes de Angola e de Moçambique) aumentam a dificuldade que já referimos de caracterização das literaturas das províncias portuguesas da África meridional. Há, nelas, desde os poetas cuja única vinculação às terras em que nasceram reside nesse facto: existem os estimulados por um sentido de diferença, de distância em relação a essas terras e suas gentes; encontram-se os que quiseram e souberam exprimir-se intimamente como criaturas dessas mesmas terras; surgem aqueles em que a circunstância humana se sobrepõe à geográfica, geralmente a condição negra suplantando a simplesmente africana. A essa caracterização de atitudes corresponde uma diferenciação de formas, encontrando-se, respectivamente às referidas atitudes, os que simplesmente reflectiram a expressão literária metropolitana; os que utilizaram como emblemas certas palavras que ergueram à representação de África; os que, socorrendo-se da oralidade, encontraram uma forma do Português matizada de crioulistmos; os que deram à linguagem um valor mítico, erguendo-a a meio principal da sua afirmação, ainda que só raramente pondo em causa a expressão.

Torna-se difícil separar, em cada uma das áreas, Angola e Moçambique, os representantes de cada uma das tendências. Elas foram concorrentes nas mesmas obras ou escritores, sucedendo-se ou interpenetrando-se. Difícil é, portanto, uma esquematização de tendências. Parece-nos, no entanto, que nos escritores citados que publicaram obras depois de 1960, e poucos são, a tendência para o modelo crioulo é o dominante em Angola (na melhor linha, Arnaldo Santos) enquanto que o mais conseguido exemplo da mitificação da linguagem se encontra em Moçambique (José Craveirinha).

Mais importantes, as literaturas angolana e moçambicana, pelo seu sector poético, na prosa encontram contudo algumas das suas mais conhecidas realizações. E

nos anos mais recentes foram obras de prosa as que maior repercussão encontraram junto do público.

Seguiremos uma vez mais a via da exemplificação neste artigo que não pode ser enumerativo, citando Luandino Vieira e Luís Bernardo Honwana. Os seus casos resumem algumas das características que ficam sugeridas aos leitores nas linhas anteriores. Importa sublinhar que Luandino Vieira é um europeu, transplantado para a África em tenra idade, fazendo estudos secundários no liceu de Luanda, cidade onde depois exerceu a sua actividade de empregado comercial. Luís Bernardo Honwana é um africano, emergente de uma primeira geração destribalizada, o meio urbano e a escola sendo os instrumentos da sua transformação em repórter da imprensa de Lourenço Marques. Entre uma e outra biografias, há a coincidência de uma aprendizagem escolar em meios semelhantes, o que explica algum parentesco entre as suas obras de ficcionistas. Com efeito, a linguagem desses escritores foi o elemento mais assinalado pelos críticos quando do aparecimento dos seus livros. Um historiador da Literatura Portuguesa, interessado em problemas linguísticos, António José Saraiva, colocou, recentemente, em artigo publicado na imprensa de Lisboa, Luandino Vieira ao lado do Padre António Vieira e de Guimarães Rosa, no que se refere à sua inovação linguística. Haverá nisso, porventura, exagero. Luandino Vieira, que algum caminho percorreu desde A cidade e a infância e Luanda, está longe de ter conseguido realizar uma proposta de inovação linguística consequente. Nisso, como no mundo escolhido (com particular ênfase, o da infância, de que evoca a disponibilidade de convívio que com a passagem do tempo se perderá) está próximo de Luís Bernardo Honwana. Parte da expressão desses escritores é devedora do jargão juvenil, singularmente parecido numa e noutra costas de África, o que quer dizer, entre outras coisas, que, afinal, pouca relação tem com as línguas locais. Em Luanda, motivadas por diferente experiência do autor, as aquisições do quimbundo são mais frequentes, resultando, porém, de equilíbrio da coexistência de vários registos: o referido jargão juvenil; formas portuguesas crioulistadas; formas crioulistadas quimbundas por vezes de forte conotação jargónica (são histórias de sub-mundo aquelas em que surgem); expressões simplesmente quimbundas, inseridas em texto português. Isto dá uma ideia das solicitações a que a mais jovem literatura, em Angola e Moçambique, tenta responder. Factos com certeza importantes mas com certeza também extra-literários, acrescentam elementos ao apreço da situação dos escritores angolanos e moçambicanos. Pode-se dizer que o traço comum a tudo quanto sobre eles se tem dito é a polémica. Não queremos nós inaugurar a objectividade no estudo desta literatura, e muito menos num curto artigo que pretendeu apenas, através da comparação de alguns casos literários de Angola e Moçambique, responder a alguma curiosidade manifestada sobre este assunto.

Lisboa, 5 de Setembro de 1969

=====

MÁRIO ANTÓNIO (Fernandes de Oliveira) nasceu em Angola, Maquela do Zombo, em 1934. Concluiu o liceu em Luanda, onde trabalhou depois como meteorologista. Em 1951 obteve o prémio do melhor poeta do biénio no concurso do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola e do seu órgão, a Mensagem. Mais tarde, em Lisboa, os prémios Camilo Pessanha e Ocidente-Poesia. Colaborou também assiduamente em Cultura. Em Lisboa, desde 1963, licenciou-se, em 1968, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina. Estagiário nesta Escola ingressa, em 1970, nos quadros da Fundação Calouste Gulbenkian, de que é adjunto dos Serviços do Ultramar. Poeta, ensaísta, contista. A sua tese das ilhas crioulas em Angola parece assumir em alguns pontos, um certo parentesco com o luso-tropicalismo de Gilberto Freyre. Opositor ao regime actual do seu país.

=====

=====